

S/A. 2003. *A terra e os homes. Fotografías de Walter Ebeling (1928-1933)*. Servicio de Publicacións de Deputación Provincial de Lugo: Lugo. 236 pp. I.S.B.N.: 84-8192-228-5.

Álvaro Campelo
CEAA | UFP

Esta interessantíssima e bela publicação dos responsáveis provinciais de Lugo reveste-se de particular interesse para todos os estudiosos da etnografia da Galiza, mas é também uma provocação para os responsáveis políticos e culturais do Norte de Portugal, bem como do Museu Nacional de Etnografia. Nesta obra estão compiladas várias fotografias realizadas pelo investigador alemão Walter Ebeling, discípulo de Fritz Krüger, por sua vez fundador da chamada «Escola de Hamburgo» que tanto influenciou uma geração de estudiosos alemães e não só, como veremos a seguir. As fotografias reportam-se às visitas de campo realizadas por Ebeling no noroeste peninsular entre 1928 e 1933.

Dois artigos introdutórios antecedem a compilação fotográfica, de modo a contextualizar o trabalho de Walter Ebeling. O primeiro, da autoria de Ignasi Ros Fontana (“Walter Ebeling en el este de la Provincia de Lugo [1928-1933]: Imágenes de una investigación de la Escuela de Hamburgo en Galicia: 13-41) apresenta o trabalho, metodologia e teoria da escola fundada por Fritz Krüg em Hamburgo, através das relações do mestre com os seus discípulos e da influência de autores, como Schädel e Max Leopold Wagner nas suas preocupações teóricas. Krüger havia já ele próprio realizados várias visitas à Península Ibérica, tanto em Espanha como em Portugal, fundamentando a sua pesquisa no método “Palavras e Coisas” (Wörter und Sachen), com o qual procurava uma conexão entre as palavras e os objectos, e as suas relações históricas. A preocupação inicial é filológica e insere-se dentro dos estudos linguísticos do Seminário de Línguas e Cultura Românicas da

Universidade de Hamburgo. Mas a metodologia de observação directa e o contacto com materiais linguísticos e etnográficos de relevante valor para estes investigadores, conferiram não só particular interesse ao registo dos vocábulos e expressões linguísticas, mas também aos objectos observados, registados agora por desenhos e fotografias, ou ainda, no caso de Ebeling, na compra de alguns desses objectos, que posteriormente são depositados no Museum für Völkerkunde de Hamburgo.

Ros Fontana contextualiza a posição teórica destes investigadores e a maneira como olham para a cultura popular, na busca de uma «originalidade» imaculada e de um tradicional ainda não tocado pela modernidade. Existia a convicção que este «lugar indígena» se podia observar privilegiadamente em alguns pontos da Península Ibérica (Pirinéus, Asturias, Galiza, em Espanha, e Trás-os-Montes, Minho e Beiras – Serra da Estrela –, em Portugal). Por aqui passaram não só o fundador da Escola de Hamburgo, mas também os seus discípulos, orientados meticulosamente, com W. Ebeling, cuja selecção de fotografias é apresentada. Não só o espaço linguístico e tecnológico escolhido para a investigação marca o trabalho dos investigadores de Hamburgo, como este trabalho vai moldar muita da investigação que em Espanha e em Portugal se vai realizando no campo da linguística e da etnografia (por ex. Vicente Risco, Fermín Bouza Brey, Xaquín Lorenzo, em Galiza e Paiva Boléo – seu discípulo –, Leite de Vasconcelos, Jorge Dias, em Portugal). Ao longo do artigo de Ros Fontana perpassam algumas das peripécias do percurso da colecção de Ebeling, provocadas pelos eventos históricos e políticos da II Guerra Mundial.

Já o artigo de Xosé M. G. Reboredo (“Características e importancia da Colección fotográfica de W. Ebeling”: 43-58), centra-se mais no conteúdo e na organização da selecção fotográfica apresentada. Indicando desde o início o interesse de F. Krüge pelas zonas de montanha da Península Ibérica, Reboredo apresenta as fotografias organizadas em três partes: à volta da cidade de Lugo; sobre a zona denominada de «Terra Chá oriental»; a parte oriental da província lucense. A escolha das fotografias obedeceu, num primeiro momento, num critério ilustrativo dos capítulos introdutórios e, depois, numa lógica espacial, ora com referências temáticas (arquitectura, artefactos, ocupações rurais), ora com orientações geográficas. Nota, e muito apropriadamente, Reboredo

que faltam fotografias que assinalam os acontecimentos festivos. Provavelmente, nos momentos concretos do seu peregrinar Ebeling nunca se tenha deparado com festividades, deixando raros registos do mundo religioso/simbólico destas comunidades.

Reboredo faz seguidamente algumas considerações sobre o valor patrimonial das fotos de Ebeling, focalizando a atenção no valor antropológico da fotografia, dentro de uma renovada e fecunda antropologia visual. Presente desde os trabalhos fundacionais do trabalho de campo dos primeiros antropólogos, a fotografia serve num primeiro momento como registo do acontecimento, referência de uma sensação e de um olhar que ser quer continuamente presente. Esta era a intenção «etnográfica» de Ebeling. Mas, num segundo momento, mesmo quando realizada por autores que não são antropólogos, a fotografia encerra um valor documental e patrimonial de acontecimentos e vivências, para se tornar, ela mesma, objecto de estudo do antropólogo.

As fotografias do livro “A terra e os homes” são, portanto, a consequência de uma estratégia metodológica e teórica bem definidas no tempo: a busca de um original identitário, marca de um mundo incorruptível e homogéneo, onde o sabor da tipicidade fundamenta e explica a origem comum de um passado que se quer resgatado. Desta homogeneidade do mundo tradicional já a antropologia contemporânea se encarregou entretanto de desvanecer. Mas o fascínio destas fotografias (apesar da fraca qualidade de tantas delas) continua a interpelar as nossas referências e o posicionamento de alguns discursos culturais de reconstrução do passado e de afirmação do presente. Mas se elas obedeceram àquele critério teórico, hoje elas são um património cultural que o ultrapassam. É por isso que a sua catalogação e publicação se revestem de particular interesse, pois sobre elas se terá de construir uma antropologia visual de rigor analítico, onde os processos de realização sejam avaliados criticamente, e os conteúdos e estratégias de selecção dos mesmos sejam interpretados, de forma a que novos sentidos antropológicos possam surgir, valorizando, assim, o património que são.

Numa palavra final, que trabalho se tem feito sobre as fotografias destes investigadores da Escola de Hamburgo que tratam o território português?